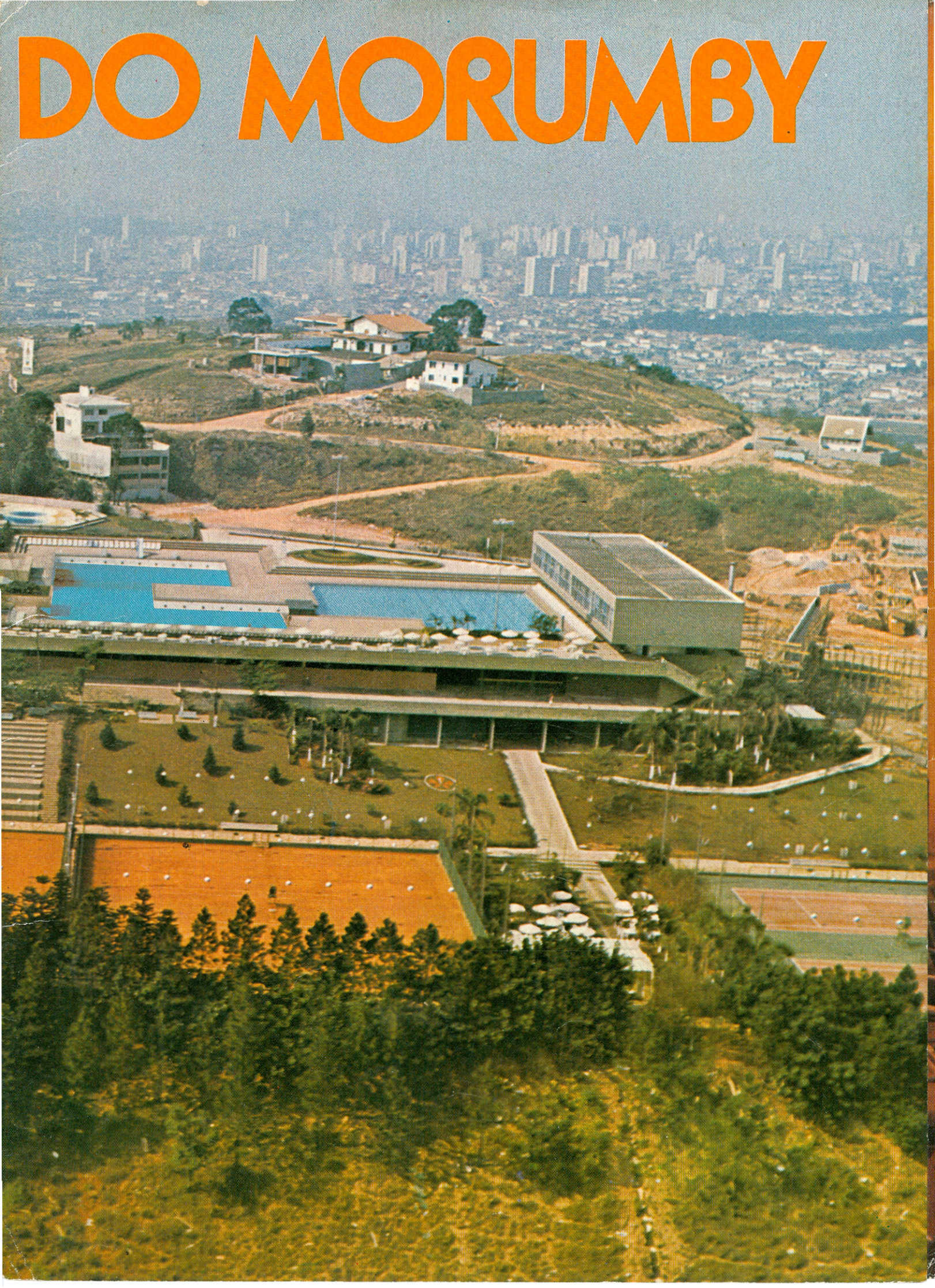


CLUBE PAINEIRAS



EDIÇÃO ESPECIAL
DO 15º ANIVERSÁRIO



DO MORUMBY

ENTREVISTA/CLAYTON BRANCO



Clayton Branco: um clube é uma defesa da Sociedade

O longo caminho percorrido

Aqueles dias chuvosos de julho de 1968 vieram bem a calhar. Para quem está acostumado à azáfama das petições, mandados e ações não havia recurso a nenhuma instância: a sentença tinha que ser cumprida com paciência. Por isso, carregar de um lado para outro o incômodo gesso do pé quebrado dias antes numa quadra de tennis caíra sobre Clayton Branco com o peso de uma pena irrecorrível que nem um advogado experimentado como ele

conseguiria atenuar. Menos mal que esse ócio compulsório tivesse como pano de fundo a paisagem bucólica da baía de Santos, longe da agitação do escritório e da poluição que os jornais da Capital começavam a descobrir.

Esse isolamento, contudo, durou pouco. Foi interrompido pela visita agradável de alguns amigos que, entretanto, não apareceram apenas para saber do seu estado de saúde: traziam-lhe um ultimato, com a força de uma contra-fé com data marcada para ser cumprida. Não se tratava mais de convite nem de apelo, como das vezes anteriores. Agora era uma obrigação irrecusável, "para salvar o clube da extinção". Diante de tal argumento, que na linguagem forense poderia até ser qualificado de "coação irresistível", Clayton aceitou concorrer à presidência do Paineiras, para nela se investir cerca de um mês depois.

Desde então, sua vida tem sido o clube. Esse amor, que sua esposa — com uma mal disfarçada ponta de ciúme — chama de "a outra", deu sólidos e palpáveis frutos, ao longo desses sete anos: o patrimônio social cresceu, a situação econômico-financeira se consolidou e, hoje, o Paineiras pode orgulhar-se de ser um dos maiores, mais completos e mais bonitos clubes do Brasil — apesar de ser um dos mais jovens.

Paulista de 46 anos, bacharelou-se pela PUC em 1951 e casou-se com dona Sonia em 1957; têm quatro filhos. Talvez tenha sido da esposa que assimilou o temperamento mineiro carregado de impávida tolerância mas vez por outra cortado por devastadoras explosões. Seus amigos dizem que ele dá um boi para não entrar numa briga, mas que, quando entra, dá uma boiada para não sair dela. No Paineiras tem sido assim e, apesar de tudo, seu rebanho permanece intato.

Qual a finalidade de um clube?

CLAYTON — Numa cidade como São Paulo, em certos aspectos tão desumana, o clube tem uma finalidade básica de integração social. É no clube que encontramos nossos amigos, que nossos filhos têm espaço e liberdade para brincar e praticar esportes, enfim — é o ponto de encontro que as pessoas têm e que tanta importância assume na vida de cada um. Eu mesmo, tenho muitos amigos que só vejo no clube; não fora isso e passaria meses, talvez anos, sem vê-los.

Qual a contribuição do Paineiras para a integração comunitária e o lazer numa cidade como São Paulo?

CLAYTON — Essa contribuição é muito grande. E mal interpretada pelo poder público.

Mal interpretada?

CLAYTON — Eu explico. Você perguntou antes qual a finalidade de um clube e talvez eu não tenha dito tudo o que penso a respeito. Em São Paulo, principalmente, um clube é por assim dizer uma forma de suprir as deficiências da cidade no campo do lazer e da prática esportiva. Como as pessoas não têm onde fazer recreação e esporte, e como não têm onde encontrar outras pessoas com as quais gostaria de conversar, elas acabam fundando um clube. Pois muito bem: essas pessoas se cotizam, investem dinheiro, perdem noites de sono e dias de trabalho em seus afazeres particulares para construir um clube. Quando esse clube começa a funcionar, o poder público vê nele apenas mais um contribuinte, e não o poupa de



encargos fiscais, tributários, previdenciários. Quer dizer: perante os olhos do governo, um clube é a mesma coisa que uma empresa de finalidade lucrativa e que como tal deve pagar impostos. Essa me parece uma forma totalmente equivocada de ver as coisas. Um clube deveria ser visto pelas autoridades como um órgão auxiliar da administração: ou seja, uma entidade que está fazendo um trabalho que, no fundo, cabe ao próprio governo fazer. Ou deveria caber.

Mas os clubes não são isentos de impostos?

CLAYTON — Absolutamente. E essa tem sido uma grande luta do Paineiras e de outros clubes paulistas. Precisamos — e temos tentado — sensibilizar nossas autoridades para um fato que me parece tão claro — o de que um clube é uma entidade que presta benefícios à sociedade e que por isso deve ser reconhecida como de utilidade pública. E, logicamente, gozar dos benefícios dessa condição.

Pode explicar melhor?

CLAYTON — Posso. Tome por exemplo um sindicato. Ele

presta serviços a classe que representa, não presta? Veja bem, um sindicato que tem um serviço de assistência médica está, de certa forma, suprimindo uma parte do atendimento que caberia ao INPS, não está? Logo, esse sindicato está complementando uma ação governamental, num campo sabidamente falho da administração pública. O clube faz a mesma coisa, no campo da promoção social e da prática desportiva; por isso, deveria receber do poder público o mesmo tratamento que um sindicato, por exemplo, recebe.

Nos últimos anos o Paineiras foi o clube que mais cresceu em São Paulo. Como se explica isso?

CLAYTON — Eu destacaria pelo menos três fatores que contribuíram decisivamente para o crescimento do clube. O primeiro deles foi sem dúvida a reforma estatutária, que permitiu a divisão da taxa paga pelo associado em duas partes distintas: uma, destinada à manutenção; outra, para investimento em obras. Anualmente, a Diretoria faz a sua programação de obras e a submete ao parecer técnico da Comissão de Obras, integrada por dois arquitetos e três engenheiros. Depois, esse programa é encaminhado à aprovação do Conselho Deliberativo, destacada do Orçamento Global. Assim, cada verba é tratada, discutida e finalmente aplicada separadamente, o que facilita muito a gestão.

O segundo ponto importante é o do trabalho em equipe. Isso realmente funciona no Paineiras; se tenho algum mérito como administrador, esse mérito sem dúvida está na felicidade da escolha dos meus

companheiros de Diretoria. Cada um no seu setor, mas todos com uma extraordinária visão global dos problemas do clube, os diretores que me auxiliam nessa tarefa são realmente excepcionais.

O terceiro ponto: nada disso (o trabalho, a dedicação, a imaginação criadora) seria possível sem a ajuda e a compreensão do Conselho Deliberativo e do corpo associativo em geral. O Conselho tem aprovado os nossos programas administrativos e os associados têm aceitado reiteradas vezes o desafio do futuro. Todas as vezes em que a taxa foi aumentada por sugestão da Diretoria, encontramos sempre um Conselho compreensivo e um quadro associativo receptivo e entusiasmado. Acho que isso explica o crescimento do Paineiras.

Quais as obras prioritárias do clube?

CLAYTON — No momento, a sede social e as quadras cobertas, ambas em franco desenvolvimento e com término previsto para, no máximo, três anos.

O Paineiras tem um plano piloto, ou o planejamento patrimonial depende exclusivamente da capacidade criadora de cada Diretoria?

CLAYTON — O Paineiras tinha um plano piloto, criado pelo arquiteto Carlos B. Millan. Infelizmente, esse notável artista e conceituado profissional morreu, com sua família, em um acidente automobilístico, em 1964. Embora o plano originário tivesse de ser parcialmente modificado, procuramos manter o estilo arquitetônico de Millan, que foi seguido pelo seu então assistente, o hoje famoso arquiteto Paulo de Melo Bastos.



O novo arquiteto fez então novo plano piloto?

CLAYTON — Não exatamente. E eu quero deixar bem claro que essa história de plano piloto não nos preocupa. Projetos custam muito dinheiro, e o dinheiro do associado não pode ser desperdiçado. Por isso preferimos projetar apenas aquilo que vamos realmente construir. Num país como o Brasil, que cresce assustadoramente, os planos a longo prazo correm sempre o risco de estarem superados antes mesmo do início efetivo das obras. Veja o exemplo de Brasília, a cidade mais planejada de que se tem notícia; hoje, seus próprios criadores admitem que ela foi superada pelas condições sócio-econômicas que se seguiram à sua construção. É claro que não abdicamos do planejamento — uma peça importante em qualquer administração. O que recusamos é um plano “definitivo” apenas no papel, sujeito a alterações posteriores.

Mas, de qualquer forma, os projetos não custarão mais caro, quando forem executados no

futuro? Não há nisso uma incoerência?

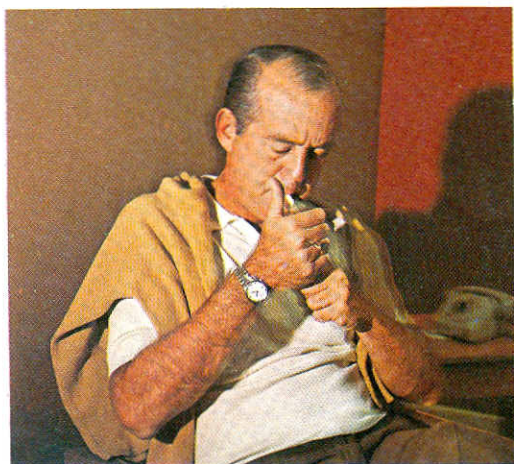
CLAYTON — Eu não acho. E explico. Quando o Paineiras foi fundado, há 15 anos, havia em São Paulo uma verdadeira “febre” de boliche, o esporte da moda. Se o clube — como tantos outros o fizeram — tivesse investido nisso, esse dinheiro hoje estaria perdido. Nós não podemos correr riscos ao aplicar vultosas verbas em obras complementares.

Complementares? Como assim?

CLAYTON — Temos obras básicas — a sede social, o restaurante, o parque aquático, vestiários, as quadras de tenis e, agora, as quadras cobertas. Isso corresponde ao mínimo necessário para o clube funcionar e oferecer boas condições de conforto para os associados. Daqui para a frente temos que ter muito cuidado. A evolução pode nos indicar, por exemplo, que serão necessárias mais 10 ou 20 quadras de tenis, ou um verdadeiro ginásio de esportes para grandes competições. Eu tenho recebido inúmeras sugestões de associados sobre a utilização da área que ainda resta a ser aproveitada. Essas sugestões vão desde a criação de um imenso bosque no vale à construção de stands de tiro ao alvo. Não podemos, não devemos e tampouco queremos optar agora por uma dessas soluções. A seu tempo os espaços serão utilizados e só a expansão natural do clube determinará os rumos a seguir.

Tem sido assim e assim continuará a ser. Talvez isso explique, entre outras coisas, porque o Paineiras foi o clube que mais cresceu nos últimos anos em São Paulo.

Há quinze anos, um morro ganhava uma idéia



Detlof, o fundador: onde nadar aos domingos?

1960 — A alguns quilômetros do centro da cidade inicia-se a construção de uma futura Universidade “lá pelos lados do Morumbi” — um bairro novo que surge na periferia de São Paulo. Ao lado da futura universidade, os Pignatári começam a construir uma mansão, numa área ainda sem ruas, sem luz, sem água. O crescimento da cidade de São Paulo já estava expulsando alguns de seus moradores.

1960 — Rua Barão de Itapetininga, 224, sobreloja. O telefone toca na Sociedade Financeira Barros Handley Ltda. Quem atende é Detlof Von Oertzen. Estava começando a surgir o Clube Paineiras do Morumbi.

Nas imobiliárias da época surgiam diariamente, como até hoje, diversas propostas para a venda e compra de terrenos. No telefone, justamente um amigo de Detlof procurava um comprador para uma

área ainda desconhecida, onde existia apenas mata virgem. Local: Fazenda do Morumbi. Como qualquer outro negócio, Detlof interessou-se pela área, sem mesmo conhece-la. Num domingo, Detlof e o amigo foram visitar a fazenda. Sem acessos — chegava-se apenas de carro — num local praticamente deserto, estendia-se uma grande área de mais de 80 mil metros quadrados, num terreno irregular, que formava um Vale, em três grandes degraus. Do alto da plataforma, uma vista completa de toda a cidade, num ângulo de 360 graus. Apenas verde, alguns pinheiros num canto, uma picada recém-aberta do lado e mais nada.

Detlof, nessa época com 30 anos de idade, reunia-se quase que diariamente, na hora do almoço, com seus amigos no Pinheiros. Formavam uma turma unida, jogadores de polo aquático. Todos amigos — Renato Pacheco Silva Ba-

cellar Junior, Henry John Romero Sanson, Helio Fonseca, Gastão Rachou Jr., Rolf Egon Kestener, John Herbert Buckup — aproveitavam o tradicional horário do almoço para dar uns mergulhos ou então jogar uma partida de “water-polo”. Isso só era possível mesmo nos dias de semana. Aos sábados e domingos, uma verdadeira multidão se comprimia dentro da piscina do clube, impedindo que a “turma do polo” pudesse jogar.

O terreno estava ali, imenso, numa área nova. Do alto do morro, Detlof lembrou-se rapidamente dos clubes cheios de gente aos domingos, do desconforto dos associados — apesar de na época clubes como Pinheiros, Paulistano e Harmonia já limitarem o número de seus associados —, dos amigos que eram impedidos às vezes de até entrar na piscina. Por que não pensar então na construção de um novo clube, onde os amigos, com uma limitação do quadro associativo, pudessem reunir-se não só no horário do almoço, mas também aos sábados e domingos, sem preocupação, sem ter que participar daqueles verdadeiros “congestionamentos humanos”? E brotou a idéia.

Mas, como comprar um terreno daquele porte, onde o metro quadrado estava sendo vendido a 500 cruzeiros, um absurdo para qualquer empreendimento, principalmente no desconhecido Jardim do Morumbi? Toda a área que estava a venda pertencia à Fazenda Morumbi, da família Penteado. Foram feitos os primeiros contatos com Olimpia “Nina” de Almeida Prado Penteado, então com aproximadamente 50 anos de idade. Detlof, entretanto, não queria ainda vender a sua idéia. Apresentou-se a Nina Penteado apenas como mais um comprador interessado numa gleba nova. Tentou uma redução de preço e não conseguiu. Ela estava irredutível: 49 mil cruzeiros. Uma fábula. Nina não sabia das intenções de Detlof e concordou em fornecer uma *opção de compra* (que na época, Detlof pagou 100 cruzeiros embora não seja comum o pagamento dessa opção em qualquer transação imobiliária), mas

exigia que, antes da venda, fossem publicados dois anúncios no jornal "O Estado de S. Paulo" colocando o terreno à venda. Os anúncios não surtiram efeito. Detlof estava sozinho, sem concorrência.

Nina Penteado deu então um prazo de 45 dias para que Detlof integralizasse a primeira parcela da entrada — 10 mil cruzeiros.

O terreno praticamente estava garantido. Agora era a vez de vender a idéia de se construir um novo clube em São Paulo, num local desconhecido e que competiria com os mais tradicionais, como Pinheiros, Paulistano, Hipica Paulista, Harmonia. Detlof levou a sua idéia aos amigos, inclusive os do "water polo" e 99% o consideraram "louco". Como construir um clube num local que serve apenas para os sócios da Hipica darem seus passeios a cavalo, onde não há acesso, nem luz e água, enfim apenas mato?

Mas o entusiasmo contaminou a todos, como os contaminava quando caíam nas piscinas com seus gorros coloridos e nadavam rapidamente trocando bolas em busca do gol adversário. E foram esses amigos os primeiros "corretores" da Barros Handley, então responsável pelo lançamento do mais novo clube de São Paulo.

Como o bairro chamava-se Paineiras do Morumbi, não foi difícil escolher o nome: era o do próprio bairro. A própria Barros Handley incumbiu-se de organizar os primeiros impressos do novo clube. Detlof rapidamente convocou um de seus amigos, José Pinho Soares, para elaborar os estatutos. Mas era necessário um projeto, precisava-se vender uma coisa palpável, concreta. Surgiu então o arquiteto Carlos B. Millan, que havia vencido a concorrência para construção da nova sede do Jockey Clube. Millan pediu 15 dias para elaborar um projeto. As dificuldades eram enormes, pois o terreno apresentava desníveis topográficos de até 70 metros de altura e a construção de qualquer empreendimento ali tinha poucas alternativas. Ou aterrava-se tudo, num gasto excessivo, ou conservava-se a visão de 360 graus e elaborava-se uma planta que apro-

veitasse a área em sua forma original, em degraus.

Era preciso formar uma diretoria. Os estatutos já estavam prontos, e Nina Penteado arrependida. No dia 9 de agosto, às 10 e 30 h, uma assembléia geral na rua Barão de Itapetininga, com a presença de Detlof Von Oertzen, Helio Fonseca, Henry John Romero Sanson, Renato Pacheco e Silva Bacellar Junior, Gastão Rachou Jr., John Herbert Buckup e Rolf Egon Kestener, o clube era fundado. Da Barão de Itapetininga, a saída para almoço de comemoração no restaurante Brahma, na esquina da Ipiranga com a São João.

A primeira diretoria (Presiden-

te Detlof Von Oertzen; Vice-Presidente Renato Pacheco e Silva Bacellar Junior; Secretário, Paulo Assumpção Filho; e Tesoureiro, Gastão Rachou Jr.) decidiu lançar 5.500 títulos patrimoniais à venda: 500 para compra do terreno; 500 para execução da terraplanagem; 2.500 para construção do conjunto esportivo e 2.000 para construção do ginásio e da sede social.

Os títulos seriam lançados por etapas e ao preço de 500 cruzeiros cada um. Com a venda dos primeiros lote, conseguiu-se amortizar os 10 mil cruzeiros de "sinal" do terreno e realizar a escritura.

Mas a nova idéia vinha acom-

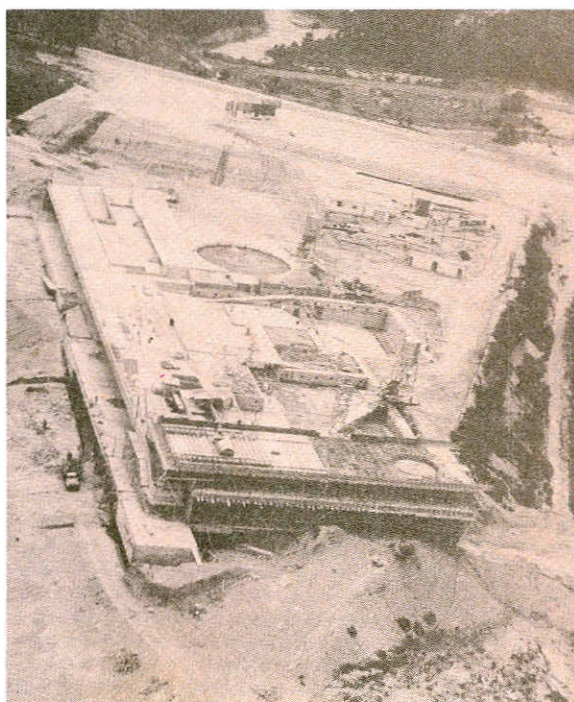
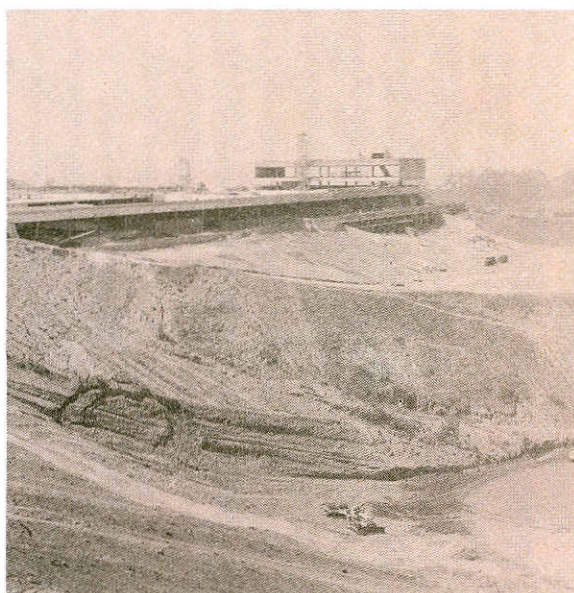


panhada de problemas ainda maiores. A situação política com a renúncia de Janio Quadros, provocou um desacerto geral em todo o País, os bancos fechavam suas portas por vários dias, havia uma retração total de crédito, de arrecadação e a inflação crescia a ponto de chegar aos 100%. O País parou praticamente durante 10 dias. Lançou-se uma nova etapa de venda de títulos (500) destinada ao serviço de terraplanagem, de 300 mil metros cúbicos.

O lançamento dos títulos era gradativo, pois pretendia valorizar cada vez mais o empreendimento — e o próprio título — procurando com um número menor de participantes arrecadar mais dinheiro. A carteira de títulos, entretanto, era prejudicada pela situação do País e arrecadara-se na época apenas 40% de toda a carteira. Ninguém pagava — não por não ter dinheiro, mas por acreditar que a situação interna iria exigir que aquele capital fosse deslocado para outros setores mais prioritários da vida de cada um. Não havia notas promissórias ou qualquer compromisso mais rígido. Era apenas um recibo que mostrava a ligação legal do associado com o clube.

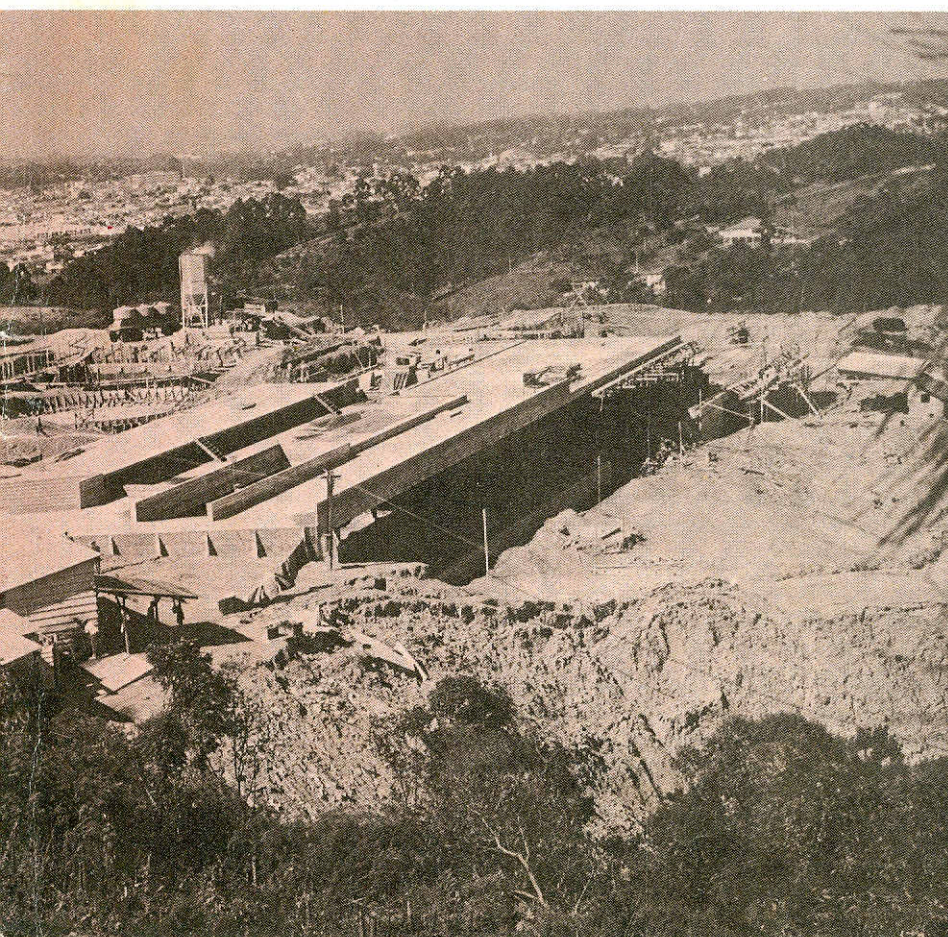
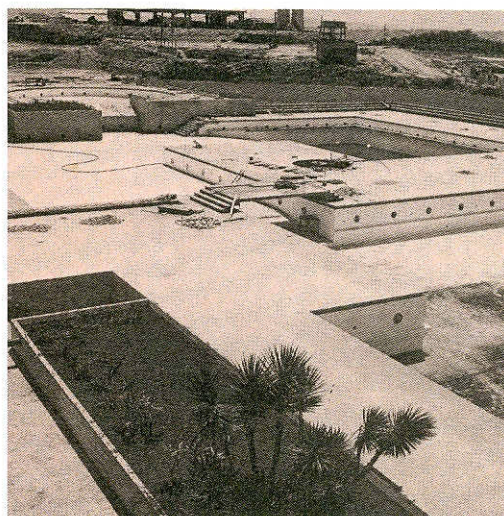
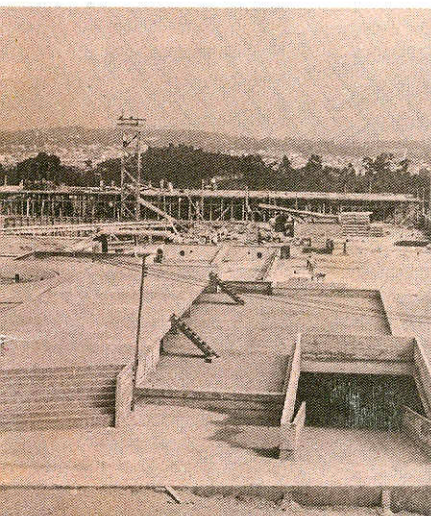
Mesmo assim, as obras foram começando. Mas ainda era difícil conseguir-se total apoio para o empreendimento. As obras exigiam serviços de infra-estrutura que não apareciam para aqueles que iam aos domingos visitar o novo clube. Como demonstrar a importância, por exemplo, de se construir uma casa de máquinas a 11 metros do solo? O futuro sócio queria ver coisas prontas e isso não era possível. O próprio Detlof ficava no clube, admitindo os novos sócios, conversando pessoalmente com cada um, explicando os detalhes topográficos da obra e as razões pelas quais eles não “viam” surgir rapidamente, por exemplo uma, piscina.

Em 1963, antes mesmo de inaugurado oficialmente, o Paineiras dava mais um passo arrojado. Apesar do ritmo da construção, adquiriu-se uma área contígua, de 20 mil metros quadrados, do espólio da família Penteado, onde Millan já





Nas fotos, as primeiras obras do Paineiras — de um tempo em que o bairro do Morumbi era um descampado. O que a muitos parecia uma região inóspita, nada mais que uma encosta de morro, com o tempo foi-se transformando em um dos mais belos e arrojados clubes do Brasil.



previa a construção de quadras de tennis e de um estacionamento (na época, um dos principais problemas para os clubes de São Paulo).

No dia 5 de novembro de 1964, começava-se a encher a piscina. Como o bairro do Morumbi era reconhecidamente pobre em água, foram construídos três poços artesianos no Vale. O arquiteto Carlos B. Millan estava viajando com a família. Na volta dessa viagem, e já se preparando para a festa de inauguração da primeira etapa das obras — as piscinas — Millan — que trabalhou no projeto desde o seu nascedouro, chegando inclusive a nem receber algumas vezes, acompanhando também todas as dificuldades do clube — morreu num acidente com seu carro nas águas do Tietê.

E sem a presença do seu idealizador, no dia 15 de novembro de 1964, as piscinas eram completadas e o Paineiras do Morumbi já era uma realidade.

Mas a crise acompanhava o Paineiras desde a sua Fundação. Depois da renúncia de Janio, veio a Revolução de Março de 64, e também essa época ficou marcada por sérias dificuldades financeiras.

A piscina já estava pronta, foram entregues naquele novembro de 1964, 17 mil metros quadrados de área construída. Agora era apenas esperar um pouco. A crise haveria de passar, a qualquer momento. O clube já recebia quase 2 mil associados aos domingos e feriados. Em 1967, a avenida — hoje denominada Doutor Alberto Penteado — que foi aberta pelo Paineiras, estava asfaltada. Havia luz, água e as mansões serpenteavam todo o Vale do Morumbi. O velho projeto da Universidade Matarazzo já estava transformado em Palácio do Governo, o estádio do Morumbi abrigava milhares de torcedores todos os domingos. O Morumbi já era um bairro. Detlof abandonava a presidência do clube. Seu sonho havia sido realizado. São Paulo tinha um clube a altura de suas tradições, o Clube Paineiras do Morumbi, um clube de cidade com características de campo, um clube de campo dentro da cidade.

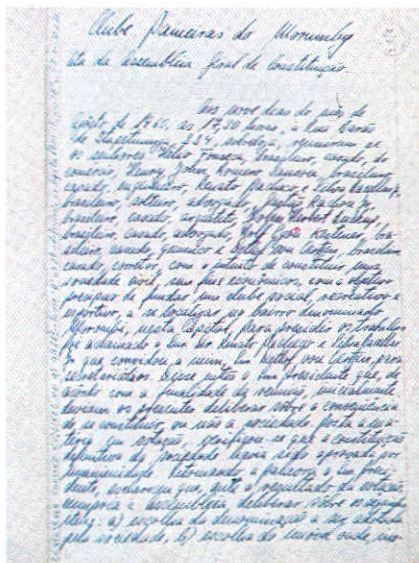
ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO

Clube Paineiras do Morumbi

"Ata da Assembléia Geral de Constituição"

Aos nove dias do mês de agosto de 1960, às 17,30 horas, à rua Barão de Itapetininga, 224, sobreloja, reuniram-se os senhores Helio Fonseca, brasileiro, casado, do comércio, Henry John Romero Sanson, brasileiro, casado, engenheiro, Renato Pacheco e Silva Bacellar Junior, brasileiro, solteiro, advogado, Gastão Rachou Jr., brasileiro, casado, arquiteto, John Herbert Buckup, brasileiro, casado, advogado, Rolf Egon Kestener, brasileiro, casado, químico e Detlof Von Oertzen, brasileiro, casado, corretor, com o intuito de constituir uma sociedade civil, sem fins econômicos, com o objetivo precípuo de fundar um clube social, recreativo e esportivo, a se localizar no bairro denominado Morumbi, nesta Capital. Para presidir os trabalhos foi aclamado o Dr. Renato Pacheco e Silva Bacellar Jr., que convidou a mim, Sr. Detlof Von Oertzen, para secretariá-los. Disse então o Sr. Presidente que, de acordo com a finalidade da reunião inicialmente deviam os presentes deliberar sobre a conveniência de se constituir ou não a sociedade. Posta a matéria em votação, verificou-se que a constituição definitiva da sociedade havia sido aprovada por unanimidade. Retomando a palavra, o sr. Presidente esclareceu que, ante o resultado da votação, cumpria a Assembléia deliberar sobre os seguintes itens: a) escolha da denominação a ser adotada pela sociedade; b) escolha do imóvel onde instalar-se-á a sede de campo da sociedade e o modo pelo qual se

faria a sua aquisição; c) elaboração dos estatutos e eleição da primeira diretoria. Posta em votação a matéria do item a, ficou escolhida por unanimidade a denominação "Clube Paineiras do Morumbi". Quanto ao item b, decidiu-se incumbir a sociedade Financeira Barros Handley Ltda. de localizar, no citado bairro do Morumbi, uma área cujas características possam servir como sede de campo da sociedade, devendo em seguida sub-



mete-la a devida apreciação. Sobre o modo de aquisição, deliberou-se que uma vez escolhido o imóvel, a compra será feita com fundos angariados com a venda de títulos de propriedade da sociedade. No que concerne a matéria do item c, aprovou a Assembléia que o presidente da Sociedade ficava autorizado a contratar advogados para elaborar o anteprojeto dos estatutos, bem como para tratar de todos os atos relativos à constituição da presente sociedade. No tocante

ainda ao item c, deliberou-se também que a primeira diretoria será eleita pela mesma Assembléia que aprovar os estatutos. O sr. Presidente outra vez com a palavra sugeriu aos presentes que, face aos assuntos relegados para aprovação futura, se fazia necessário apazigar desde já uma Assembléia e que por exigência legal, se deveria entretanto escolher a diretoria e sede provisórias. Realizada a votação, foi eleita a diretoria provisória: Presidente, Dr. Renato Pacheco e Silva Bacellar Jr., Secretário, sr. Detlof Von Oertzen e Tesoureiro, Dr. Gastão Rachou Jr. e como sede provisória foi escolhido o local desta reunião sendo fixada a data da primeira Assembléia Ordinária para o dia 17 de agosto de 1960, às 17 e 30 horas. Em tempo, todos que assinam a presente são residentes e domiciliados nesta Capital. Em seguida suspenda a sessão pelo tempo necessário a lavratura desta ata que, lida e achada conforme, foi por todos os presentes assinada.

Presidente:

Renato Pacheco e Silva Bacellar Junior

Secretário:

Detlof Von Oertzen
Henry John Romero Sanson
Renato Pacheco e Silva Bacellar Junior
Gastão Rachou Jr.
John Herbert Buckup
Rolf Egon Koestener
Detlof Von Oertzen".

Lavrada em 21 de novembro de 1960. Registrada no Cartório Me-deiros sob n.º 44219, livro "A", n.º 26. Referência no Registro 6640, livro "A", n.º 8 — em 28-7-71.

A razão do êxito

O Conselho Deliberativo e a Diretoria do Clube Paineiras do Morumby cumprem o grato dever de dirigir-se aos associados e seus familiares para manifestar o seu mais profundo agradecimento pelo apoio que têm recebido para todas as suas iniciativas. A brilhante trajetória percorrida ao longo destes 15 anos só se tornou possível graças ao respaldo que os órgãos dirigentes do Clube encontraram no quadro associativo, sempre disposto a enfrentar os desafios do progresso e sempre receptivo à idéia de fazer do Paineiras o que ele é hoje — uma grande família. Conscientes de que a tarefa a ser enfrentada daqui para a frente exigirá ainda maior trabalho e dedicação, o Conselho Deliberativo e a Diretoria sentem-se contudo encorajados para a luta, certos de que nunca lhes faltará o apoio indispensável à busca de seu objetivo maior — o de conduzir o Paineiras no rumo das vitórias de seu inexorável destino.

PAINEIRAS DO MORUMBY



A ATIVIDADE SOCIAL

NESTE SALÃO, A GRANDE FESTA DO ANIVERSÁRIO

O majestoso salão de festas, com seus espaços livres e sua vista sobre São Paulo, é apenas uma antevisão do que será, muito brevemente, todo o conjunto da sede social, em fase de construção.

Embora considerado provisório, o cenário já se impõe pelo bom gosto da decoração que, aliás, é o traço comum de todos os ambientes internos do clube

É nesse clima de elegância sem ostentação, onde sobriedade e requinte não conflitam, que o Clube Paineiras do Morumby tem-se afirmado como uma das mais importantes e representativas entidades da Sociedade paulista e brasileira







LÁ VEM ADRIANA, DESCALÇA, SORRINDO.



Ela nasceu um ano antes do clube, mas neste 1975 do 15.º Aniversário ganhou o título de Garota Paineiras com muito charm, muita graça e simpatia: Adriana Leuenroth, loira de olhos azuis, desfilou descalça e conquistou a preferência de todos naquela noite deslumbrante de 18 de abril, quando todo o Paineiras se uniu em aplausos à sua vitória.

Filha de João Pereira Leuenroth e Carolina Pensine Leuenroth, a

bela Adriana é adepta do voleibol e adora música. Foi eleita com 265 pontos, 29 a mais que a segunda colocada, e deverá reinar por dois anos (em 1976 não haverá escolha da Garota Paineiras: será a vez das Debutantes).

A festa para Adriana teve a animação do Modern Tropical Quintet e marcou um dos pontos altos da programação social do Paineiras no ano do 15.º Aniversário. Adriana mal pode

conter a emoção ao agradecer a escolha do seu nome para simbolizar a beleza e a graça das moças do Paineiras, mas isso nem era necessário — fez-se justiça, apenas.

As outras quatro colocadas no concurso Garota Paineiras 75 foram, pela ordem de classificação, Maria Grazia Cartocci, Stella Maria Bolzan, Sumaia Toledo Elias e Rosaria D'Elia.



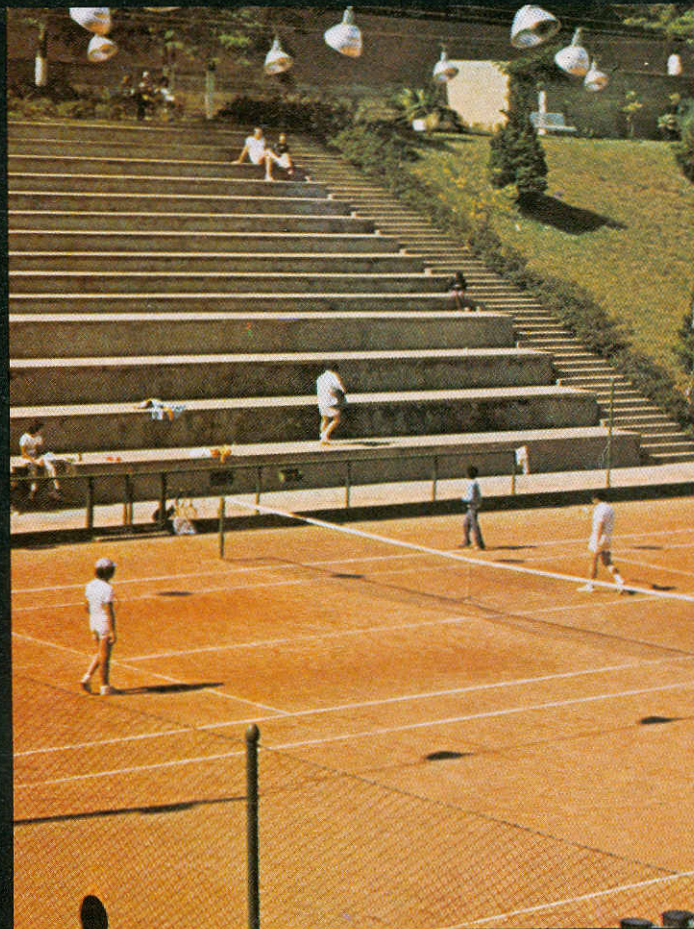


A ALEGRIA DE TODAS AS IDADES



A atividade social do Paineiras é intensa. E a razão maior desse sucesso está na expressiva contribuição que o quadro associativo tem dado a todas as iniciativas do clube. A cada festa, a cada baile, é maior o comparecimento de associados com suas famílias e convidados, demonstrando o interesse e o entusiasmo com que todos recebem as promoções sociais. Adultos e crianças, indistintamente, têm prestigiado totalmente as festividades do Departamento Social, das reuniões para casais às festas juninas infantis, passando pelos Bailes da Juventude. No Paineiras, o convívio das famílias e o encontro com amigos têm dado a tônica de um relacionamento social fecundo e sadio.

PAINEIRAS DO MORUMBY

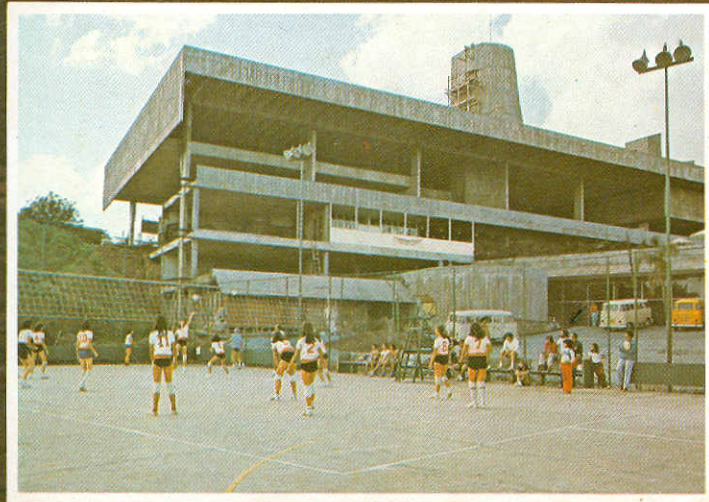


O ESPORTE AVANÇA

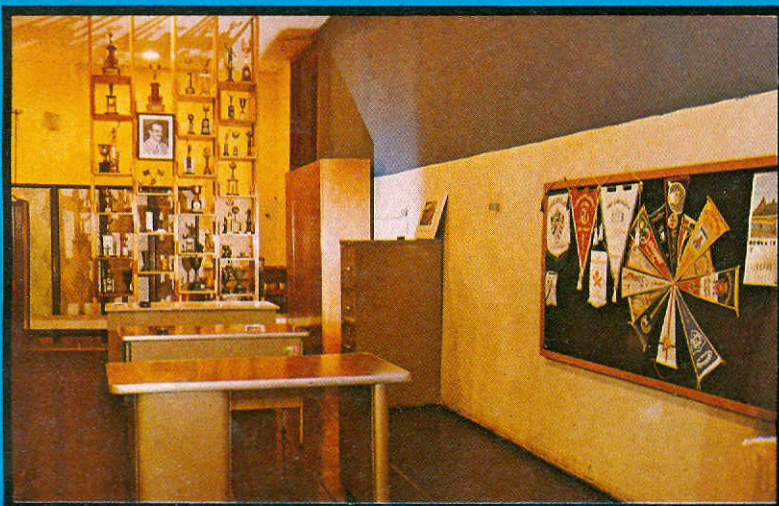


FORJA DE CAMPEÕES

No esporte, o Paineiras tem vencido importantes competições em todo o País. As escolinhas que preparam nadadores, tenistas, judocas e as equipes de volei, futebol de salão e basquete começam a forjar campeões. Todos os dias, nas piscinas e nas quadras, a preparação é intensa, formando uma juventude responsável e sadia. Aos poucos, à divisa "o importante é competir", o Paineiras vai acrescentando sua marca: "...e, se possível, vencer". E tem conseguido.

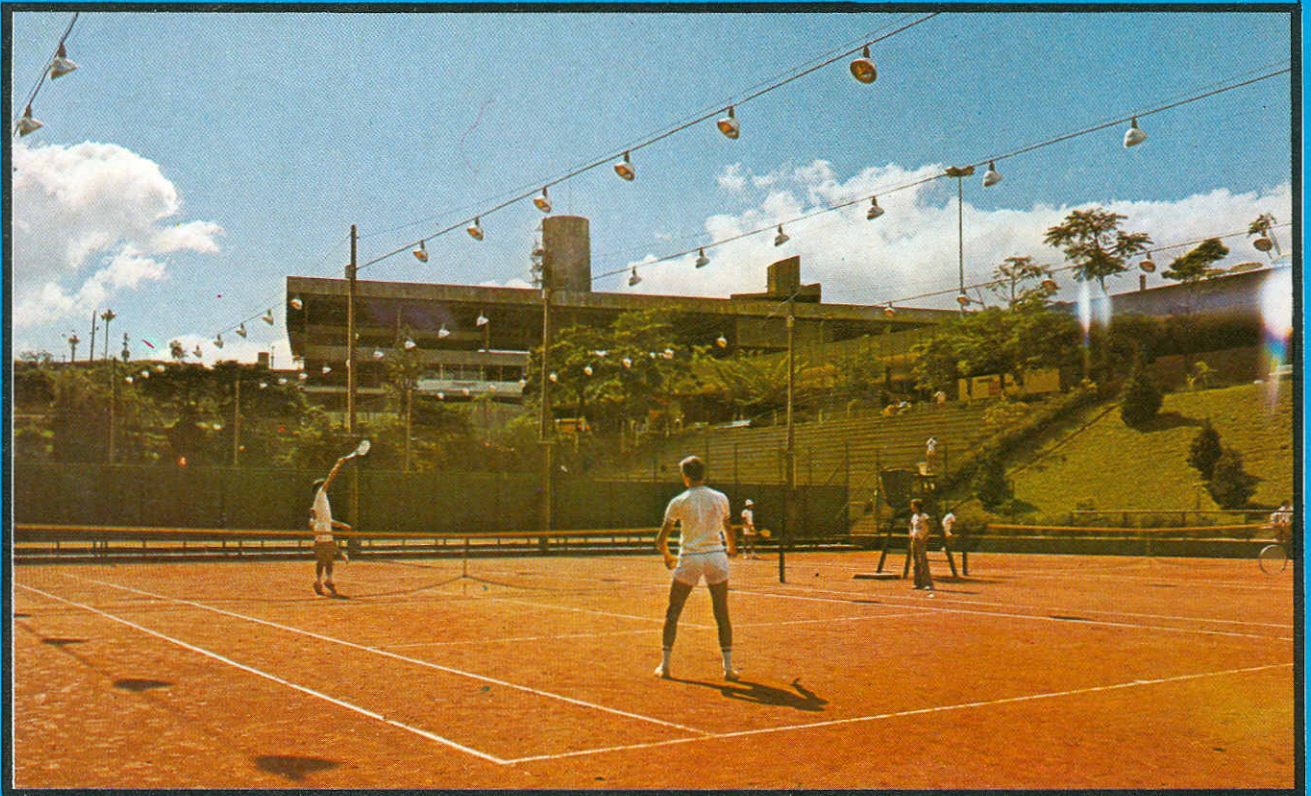


Instalações
modernas
garantem a
evolução
do esporte

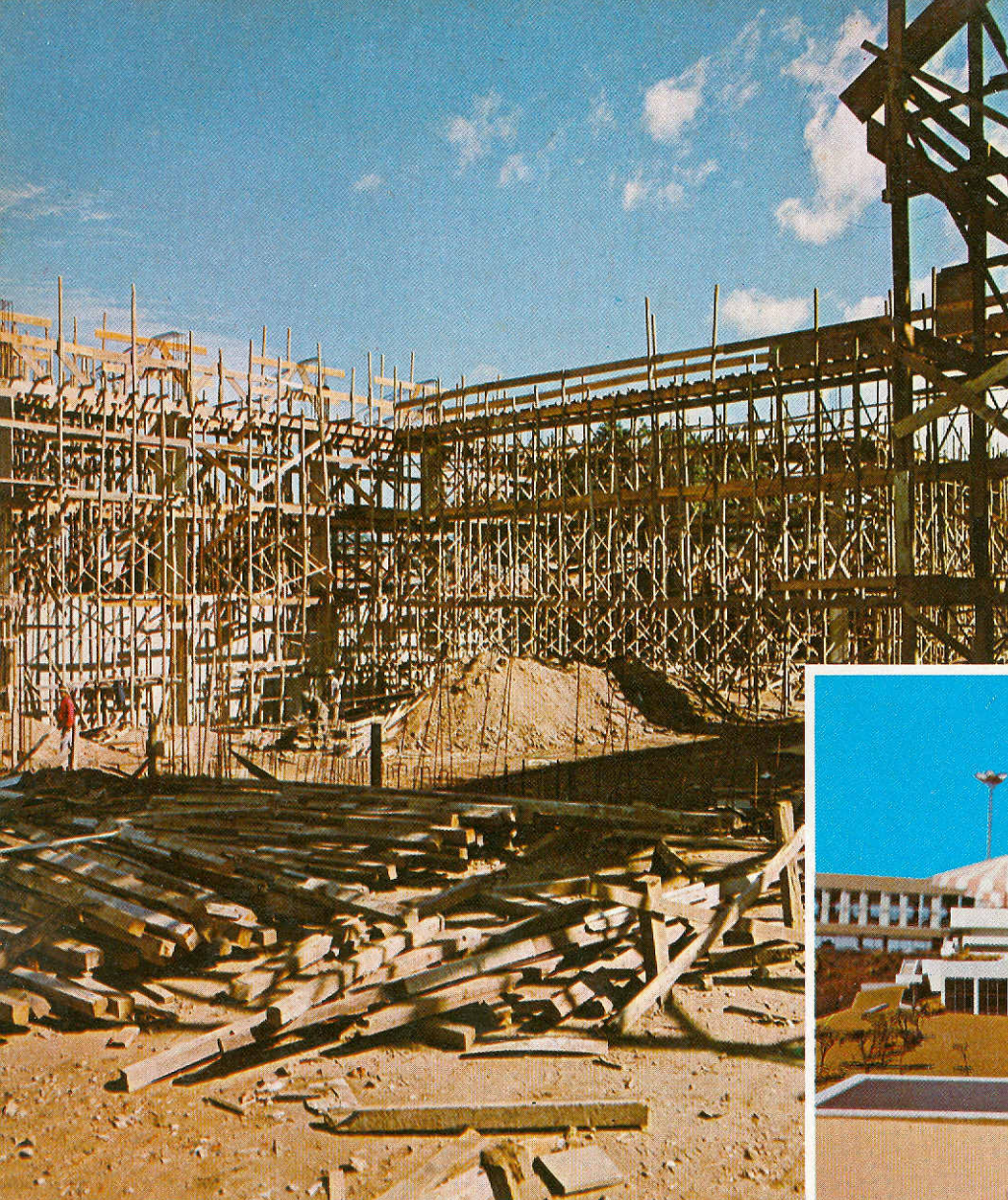




Nas quadras, o
movimento
começa cedo e
vai até a noite







As obras das quadras cobertas prosseguem em ritmo acelerado para ampliar a capacidade de realização simultânea de competições esportivas



Quando cada segundo é importante, você depende do Seiko Cronógrafo.

Seiko Cronógrafo Automático. Preciso. Garantido pela marca que fabrica todas as suas peças. Unindo a tradição artesanal à mais avançada tecnologia. Seiko Cronógrafo. Escolha o seu.



TOP-TIME
SHOPPING CENTER IGUA TEMI
Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1191 - Loja L3B
Fones: 211-9598 - 211-9848

SEIKO
Tradição e Tecnologia

As Indústrias de Papel Simão S.A., que todos os anos colaboram com o Paineiras, cedendo seu helicóptero para a chegada do Papai Noel na festa de Natal, mais uma vez dizem presente, oferecendo o papel desta revista. O Paineiras junta, aos seus agradecimentos, os votos de congratulações às Indústrias de Papel Simão S.A. pela passagem do seu 50.º aniversário de fundação, nas pessoas de seus diretores, sras. Latife Simão Racy e Deyse Simão Racy, e dos srs. Jamil Nicolau Aum e Edmundo Maluf.

INDÚSTRIAS DE PAPEL SIMÃO S.A.

R. do Manifesto, 931
S. Paulo

PAINEIRAS DO MORUMBY



A PAISAGEM RECRIADA



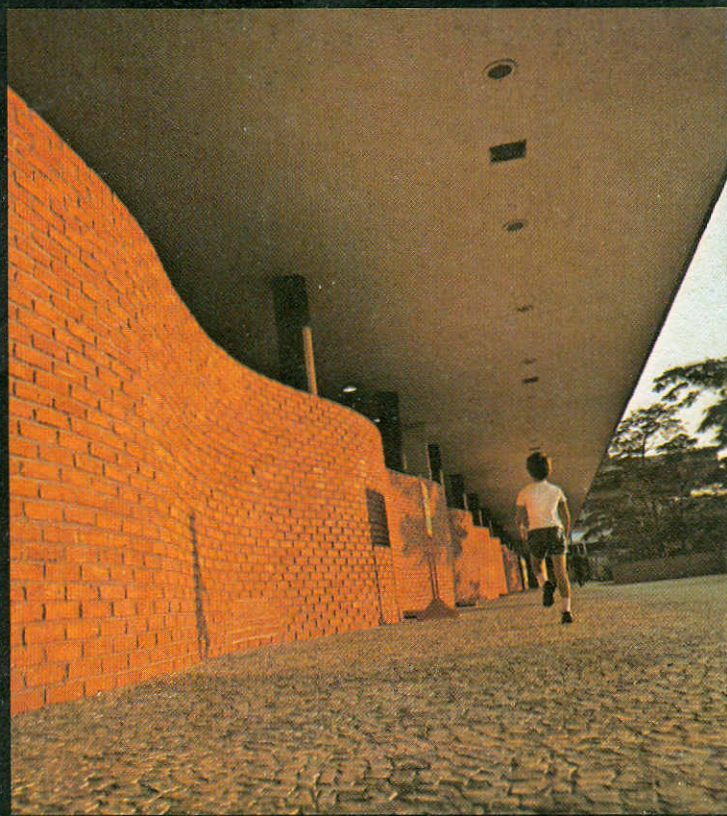


BRISA LEVE, AR PURO E MUITO VERDE

Os grandes espaços verdes predominam na paisagem. O ar puro e a brisa leve dão a aparência de um clube de campo, que no entanto está dentro da cidade.

Na plataforma aberta na encosta do morro estão as quadras de tênis — e, mais abaixo, um imenso vale que contorna o clube, coberto de vegetação. Debruçado sobre São Paulo, o Paineiras do Morumby é um dos raros clubes que não correm o risco de ficar ilhados por edifícios.

Aqui, a paisagem é definitiva.





















GARAGEM ROCHA

RUA ROCHA, 343 — FONES 288-2863 E 289-2854

ATENDIMENTO ÀS CIAS. SEGURADORAS

**FUNILARIA, PINTURA E MECÂNICA EM GERAL
ALINHAMENTO DE RODAS • REGULAGEM DE MOTORES
ELETRICIDADE • TAPEÇARIA • POSTO DE SERVIÇOS**

**A Garagem Rocha Ltda. congratula-se
com o Clube Paineiras do Morumby pelo seu 15.º Aniversário de Fundação**

PAINEIRAS DO MORUMBY



AS SUAS ORDENS





Um clube moderno deve oferecer muitos e variados serviços aos seus associados.

Esta tem sido uma preocupação permanente no Paineiras, onde o conforto e a funcionalidade das instalações garantem um convívio agradável.

O bar dos executivos e o salão de cabeleireiros para senhoras são apenas duas amostras. Em todas as dependências do clube, os associados e suas famílias encontram uma completa infra-estrutura de serviços que ajudam a tornar mais simples a vida numa cidade agitada como São Paulo.







Um clube não é apenas festas e competições esportivas. No Paineiras, isso vale para todas as idades, até mesmo para as crianças que mal aprenderam a falar. Para elas existe uma escolinha maternal dotada do mais moderno material pedagógico e orientado por professoras altamente capacitadas. As mães deixam seus filhos na escolinha enquanto jogam tênis, fazem sauna ou saem às compras. Além da escolinha para as crianças, uma série de cursos é oferecida aos associados (estes, gratuitamente): aulas de inglês, pintura, ioga, ballet, ginástica, judô e karatê.

Todos esses serviços são importantes para o perfeito funcionamento de um clube que se propõe a criar sempre melhores condições de conforto aos seus associados. Um amplo estacionamento privativo e um perfeito serviço de cozinha são fatores que influem significativamente na avaliação do todo — e, por isso, o Paineiras dá importância a cada detalhe, mesmo os aparentemente secundários.





Programação do 15º aniversário

Dia 16: 20 h — Cinema para os Srs. associados, com a exibição do filme "Serpico" (apenas para maiores de 16 anos).

Dia 17: 10 h — Exibição de ginástica na quadra de tênis n.º 1: a) Infantis e juvenis do E. C. Pinheiros, A. D. da Polícia Militar e do E. C. Banessa;
— Tumbling — exercícios acrobáticos de solo;
— Saltos sobre cavalo.
b) Equipe da Escola de Educação Física da Polícia Militar;
— Trio de força conjugada;
— Defesa pessoal;
— Esgrima ornamental;
Bailado "Joinville Le Pont".
c) Ginástica rítmica do C. C. R. de Campinas.

14 h — Karatê — com a exibição de Yoshiyde Shinzato, faixa preta de 8.º grau e presidente da União Shorin-Ryu do Brasil, acompanhado de mais 15 faixas pretas para diversas demonstrações.

16 h — Cinema para a garotada (no cinema antigo) com a exibição do filme "As loucas aventuras do Rabbi Jacob".

Dia 22: 23 às 4 h — "Baile de Aniversário", com o "Conjunto Super Som T.A." — Show de Roberto Carlos, com Orquestra e Conjunto RC-8. Traje: Rigor. Idade: 16 anos.

Dia 23: 15 h — Futebol de Salão — Torneio Quadrangular, com a participação das equipes da Associação de Pais e Mestres do Colégio Cristo Rei, Círculo Militar de São Paulo, Clube de Campo Delfim Verde e Clube Paineiras do Morumby.

15 h — Voleibol — Jogo amistoso da equipe juvenil masculina.

16 h — Xadrez — Torneio simultâneo de 30 Tabuleiros, com a participação do Vice-campeão Brasileiro, Herman Claudius.

Dia 24: 8 h — Judô — (salão da sede social) Competição Inter-Clubes.

9 h — Futebol de Salão — Finais do Torneio Quadrangular, iniciado dia 23.

9 h — Voleibol — Jogo amistoso da equipe mirim feminina.

11 h — Voleibol — Jogo amistoso da equipe masculina de Veteranos.

16 h — (no cinema antigo) Cinema para a garotada, com a exibição do filme "Smoki".

Dia 25: 18 h — Sessão de cinema para os funcionários e esposas. Homenagem aos quatro funcionários mais antigos.

20 h — Churrasco aos funcionários e esposas.

Dia 29: 20 h — Cinema para os Srs. Associados, com a exibição do filme "Roma", de F. Fellini.

21 h — Baile da Juventude (16 a 21 anos).

Dia 30: 9 h — Ginkana, com a participação de todos os Departamentos e associados em geral.

Dia 31: 9 h — Ginkana, com a participação de todos os Departamentos e associados em geral.

16 h — Cinema para a garotada (no cinema antigo) com a exibição do filme "Eu lavrarei a tua sentença".

"... UM CONSELHO JOVEM, ÁGIL, ATUANTE".

Iniciando seu terceiro mandato como presidente do Conselho Deliberativo do Paineiras do Morumby, Luís Soares de Melo Júnior fala da experiência vivida como "uma tarefa no mínimo fascinante". Realmente — diz ele —, a vida de um clube exige de seus dirigentes o exercício permanente de insuspeitadas teorias sociais, de forma a proporcionar o convívio agradável, útil e saudável entre todos os integrantes da comunidade.

E destaca um ponto que considera fundamental:

Veja, por exemplo, os benefícios que um clube como o Paineiras pode proporcionar à família. Não se trata apenas do que ele oferece como equipamento para o lazer e à prática esportiva, mas sobretudo o que representa como instrumento de fixação da família, integrando-a em seu grupo social. O Paineiras talvez seja o único clube de São Paulo que garante a permanência do filho do associado enquanto ele for dependente do pai, pagando apenas uma taxa quando completa 18 anos; isso para o filho homem, pois a filha moça é considerada dependente sem pagamento de taxa até casar-se, ou seja, até constituir sua própria família. E mais: o filho pode obter um título patrimonial a custo inferior aos cobrados normalmente aos novos sócios, o que representa mais um incentivo à sua permanência no quadro social. Isto tudo quer dizer que os Estatutos do Paineiras possibilitam — mais ainda, incentivam — a fixação de toda a família no clube, o que certamente revela a sua mais nobre e importante finalidade.

Luís Soares de Melo Júnior, no Conselho desde 1968, não pode mais ser reeleito:

— Este é o meu último mandato



Luís Soares: o clube fixa a família

na presidência do Conselho Deliberativo do Clube. Fui um dos mais ardorosos defensores da alteração estatutária que proíbe a reeleição, pois entendo que outros associados devem assumir as responsabilidades de ajudar a conduzir o Paineiras. De minha parte, posso afirmar que se trata de uma experiência notável. E explico por quê. O Paineiras tem 120 conselheiros, número bastante alto em comparação com outros clubes. Contudo, a diferença mais importante não está na quantidade, mas na mentalidade desses homens. Talvez porque o Paineiras é um Clube muito jovem, o seu Conselho Deliberativo não tem — como acontece em outros clubes — aquela característica de "Academia", para onde venerandos senhores são conduzidos em homenagem aos muitos anos de dedicação e amor à entidade. Nada disso. O Conselho Deliberativo do Paineiras é formado por homens de idade média bem abaixo do comum dos clubes, o que pode não representar por si só uma virtude, mas que sem dúvida contribui para o alto índice de produtividade alcançado. Eu quero dizer, em outras palavras, que no Paineiras o Conselho

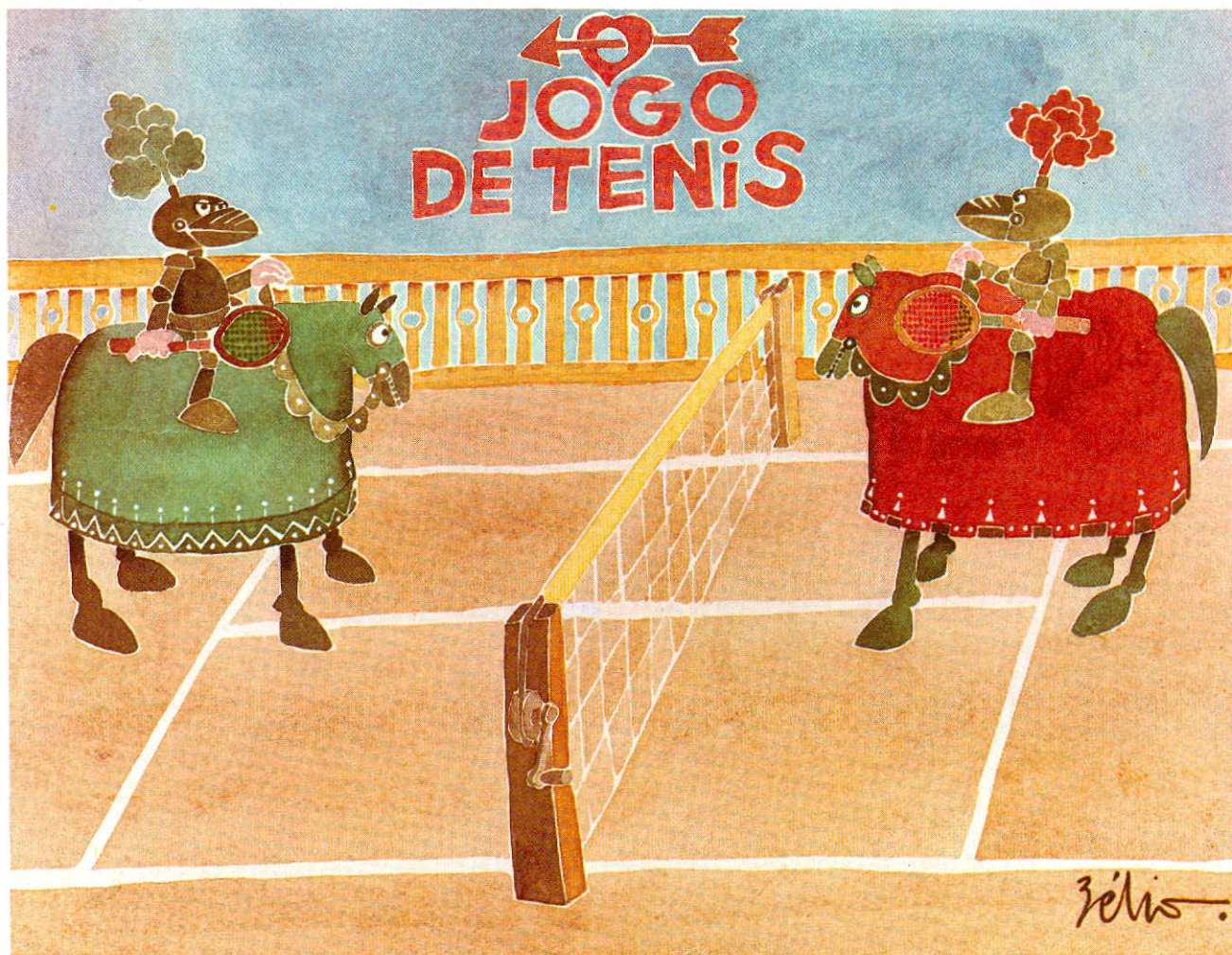
Deliberativo é um órgão atuante, ágil, sempre atento aos assuntos de interesse do quadro associativo. Por isso, o Conselho tem realmente uma representatividade que o torna, sem favor, a grande assembléia geral que o legitima e o engrandece.

O presidente do Conselho não tem dúvidas:

— Chega a ser emocionante participar de um grupo de pessoas tão seriamente empenhadas numa tarefa, principalmente quando se nota que todos estão dando o melhor de si na busca do objetivo comum. É claro que há, muitas vezes, divergências entre nós, mas elas só fazem aprimorar o debate, sem radicalismos e sem intransigências. No fim de tudo prevalece sempre o bom senso — e os interesses do Clube falam mais alto. Por isso, dirigir os trabalhos do Conselho tem-se revelado para mim uma tarefa no mínimo fascinante.

Luís Soares de Melo Júnior vê no bom entendimento existente entre o Conselho Deliberativo e a Diretoria Executiva a principal razão do crescimento do Paineiras nos últimos anos:

— O Conselho tem colaborado com a Diretoria, mas não há dúvida de que a recíproca é verdadeira. A Diretoria tem tido um comportamento exemplar, inclusive consultando o Conselho em matérias que, rigorosamente, poderiam ser decididas no âmbito de suas próprias atribuições. Graças a essa perfeita sintonia entre os poderes dirigentes, o Clube Paineiras do Morumby já pode ostentar, hoje, uma posição invejável no cenário social e esportivo de São Paulo. Em futuro bem próximo não tenho a menor dúvida de que o Paineiras terá todas as condições para ser considerado o melhor clube do País.



UM CONTO DE ZÉLIO

Ao longo daqueles anos já se haviam visto inúmeras vezes ali mesmo, naquele ambiente. Nunca haviam trocado uma palavra e quando se cumprimentavam, o faziam de maneira polida e discreta, um gesto de cabeça, quando muito.

A origem daquele relacionamento distante e frio entre dois adultos de idade aproximada, estava num quase-incidente ocorrido há cerca de quinze anos.

Eram então dois garotos que começavam a frequentar um bonito clube recém-inaugurado. Naquele convívio de novos amigos, surgiu na vida de ambos a figura de uma garota mais ou menos da idade deles, cujo nome era Cecília, dona dos mais ternos e lindos olhos castanhos que jamais haviam visto.

Jorge a viu primeiro, numa tarde de sábado. Estava batendo bola no paredão, aguardando que apareces-

se alguém querendo fazer uma simples, quando ela surgiu. Durante pouco mais de meia hora disputaram dois sets, enquanto ela aguardava a vez de tomar aula com o instrutor do clube. Desde então Jorge começou a frequentar religiosamente o clube, nas tardes de sábado, certo de que encontraria Cecília e seus olhos castanhos claros.

Mas Cecília tomava aula duas vezes por semana, nos sábados e nas quartas-feiras. E numa quarta-feira apareceu Fernando, que também jogou com ela e ficou fascinado por seus olhos cheios de ternura. E todas as quartas-feiras ficava ali, aguardando o fim da aula, para jogar ou para vê-la apenas.

O segredo daquele triângulo teve curta duração, porém. Pouco tempo depois, numa festinha, os três se encontraram. Cecília contornou a situação mas não evitou que os olhares dos dois se cruzas-

sem cheios de ira adolescente. Não foi naquela noite entretanto, que o triângulo se desfez. Os olhos castanhos de Cecília ainda conservava ao lado dela as gentilezas tanto de um quanto de outro, embora nunca ao mesmo tempo.

Foi lentamente, sem uma data a ser comemorada que o triângulo se desfez. E como nos livros de história, Cecília virou moça, depois mulher, e, vestida de branco, sem Jorge ou Fernando para testemunhar, se casou.

Entretanto o clube, aquele lugar bonito onde os três haviam se conhecido ainda continuava o ponto de encontro. E ali, vez por outra se viam. Os dois homens trocavam olhares ou evitavam se olhar, mas Cecília, com seus belos olhos castanhos cheios de ternura, continuava alegre, como o elemento de ligação entre eles e um passado próximo.

As dez horas da manhã de um domingo, Fernando para seu carro no estacionamento do clube, retira

do porta-malas as raquetes, e, já vestido para jogar, vai até as quadras, procurando por alguém, que como ele, esteja em busca de um parceiro. Numa das quadras Cecília está disputando o terceiro set com alguns conhecidos quando a bola escapa e vai parar junto a grade onde ele está parado e ela se aproxima.

— Oi, tudo bem?

— Tudo bem, e aí?

— Estamos terminando, você já tem parceiro?

— Não... livre atirador...

— Então espera um pouco, quando terminar aqui a gente pode fazer uma simples.

O jogo prosseguiu e Fernando, deixando sua raquete nos bancos, foi até o bar, onde encontrou alguns amigos e por ali permaneceu alguns instantes. De volta a quadra, reconheceu, sentado num dos bancos um tradicional adversário. Era impossível se ignorarem. Trocaram portanto um discreto cumprimento e se deixaram, o mais distante um do outro, enquanto se desenrolava a partida que terminou quase em seguida. Cecília se dirige para o portão de ferro da grade que cerca a quadra, quando os dois se percebem no movimento de irem ao encontro daquele par de olhos castanhos e estancam, como de aguardando o gesto seguinte do oponente. Mais uma vez Cecília os atrai e se desculpa por estar exausta, convida os dois a disputarem um set enquanto ela se refaz.

Eles se entreolham, sorriem contrafeitos e antes que alguém diga alguma coisa ela os empurra para a quadra e procura um lugar à sombra, de onde pudesse assistir o desenrolar da partida. Ela não era apenas a única espectadora, era também a única que sabia o que estava assistindo. Apenas eles três sabiam. E sabiam que sabiam mas disfarçavam como se não soubessem. Durante alguns segundos ocupando uma metade da quadra, Fernando dava saltinhos e jogava o tronco para um lado e para outro. Noutra metade, Jorge atirava os braços para frente e movia os punhos. Ela sorri enquanto espera. Jorge responde mal a primeira bo-

la quase atingindo o peito de Fernando. Ao desculpar-se, põe a culpa no encordoamento da raquete. Fernando serve com violência como se disputasse uma final e Jorge se esforça mas não consegue rebater.

Tem início o primeiro game e ela começa a recordar.

Quantos anos já se haviam passado? — pergunta a si mesma.

Cinco? Dez? — Sábado a tarde ela ia se encontrar com Fernando ou Jorge? Tanto fazia... Sabia que jogaria alguns sets e depois ia tomar refresco com um garoto que falava pouco. Sorri. — Os dois falavam pouco. — Um gostava de suco de laranja e o outro só tomava guaraná, porque dizia que não gostava de refrigerante estrangeiro.

— Zero-trinta! — grita o garoto que pegava bolas na quadra.

Os dois queriam fazer engenharia? Não. Um deles queria fazer Ciências Exatas. Mas ambos acabaram por fazer administração. Exigência dos pais que são industriais. Sorri.

— Game, 2-3!

Ambos batiam com correção, e ambos tinham uma esquerda insegura, fazendo às vezes boas jogadas e perdendo outras infantilmente. Sorri porque exatamente neste momento a bola cai na esquerda de Fernando que responde mal, pondo a bola no corredor.

— Game, 4-5!

O serviço dos dois era violento. Para rebater era necessário recuar um pouco senão não dava. Fernando serviu e Jorge respondeu firme.

Ambos adoravam dançar twist e sonhavam com Brigitte Bardot. Gostavam de roupas claras e quase nunca falavam sobre as coisas que lhes incomodavam, preferindo esquecer ou mudar de assunto.

— Game, 5-7!

Jogavam xadrez, liam o mesmo genero de livros, jogavam poquer nas noites de sexta-feiras mas faziam tudo isso em círculos diferentes de amizades.

— Game, 8-9!

O grito do garoto anunciando o escore da partida fez com que Cecília voltasse seus olhos e sua atenção para o que estava acontecendo

na quadra. Eram números altos para um jogo entre amigos e ela resolveu acompanhar a disputa que se desenvolvia sob um sol de quase meio-dia. Fernando e Jorge corriam e suavam. Estavam exaustos mas a bola não era perdida senão depois de muita luta. A bola vinha longa quase tocando a risca do fundo da quadra enquanto Fernando avança para a rede mas Jorge rebate em lobby, obrigando-o a um recuo para rebater numa jogada venenosa, indo a bola morrer curta junto a rede. Mesmo assim Fernando responde mas abre para um smash impiedoso de Jorge que ainda encontra a raquete do oponente em posição, que responde com defeito pondo a bola no corredor.

— Game, 10-11!

O sol forte queimava, enquanto nos rostos havia a expressão de vontade e respeito. Não havia medo nem rancor. Havia quase uma admiração de um pelo outro.

Neste instante a mão suave daquele que vencera os dois que estavam na quadra acariciou seu ombro. Ela se assustou mas se refez em seguida, trazendo para junto dela um outro espectador.

— Game, 15 iguais!

Ela se levanta e propõe a trégua até que o sol permita. Os dois contendores se entreolham e sorriem sinceros. Os quatro vão até o bar da piscina do clube. Enquanto Fernando e Jorge se jogam exaustos nas cadeiras em volta das mesas, ela, Cecília, ordena ao garçon que traga laranjada e guaraná para os atletas. Pela primeira vez em tantos anos os quatro se sentam e se olham despreocupados, como velhos amigos.

Neste instante uma jovem muito bonita de olhos castanhos e ternos como os de Cecília se aproxima do grupo. Fernando e Jorge a admiram, olham pra ela. Cecília percebe e se levanta alegre.

— Ah, vocês ainda não conhecem minha prima? Ela acaba de se mudar para São Paulo...

Os dois se levantam e param no meio o movimento. Se entreolham, sorriem.

— Vamos terminar aquela partida fora ou dentro da quadra?



O CLUBE UMA CIDADE, UMA EMPRESA

Administrar um clube do porte do Paineiras representa movimentar verbas de volume superior ao Orçamento de mais da metade dos municípios paulis-

tas. Por isso, os métodos de gestão se assemelham aos das grandes cidades nos setores de planejamento econômico, obras, saneamento e equipamentos de lazer.

A comparação também pode ser feita com uma grande empresa, com a diferença de que o clube não é uma sociedade de fins lucrativos.

O primeiro e o segundo exemplo parecem demonstrar, claramente, que a administração de um clube dessa expressão deve ser feita por homens que tenham conhecimento de empresa, mas indispensavelmente dotados de uma boa dose de espírito público. E este é o caso do Paineiras.



1.ª fábrica construída na América do Sul especialmente para a produção de saunas.

SAUNA SARRA

INDUSTRIA E COMERCIO LTDA

Fábrica:

Rua Iraci, 50
Pirituba, SP

Vendas:

Rua Gomes Freire, 521
Lapa, SP
Fone: 260-1424

FABRICAÇÃO E INSTALAÇÃO DE SAÚNAS PARA RESIDÊNCIAS, CLUBES, HOTÉIS E BALNEÁRIOS

35 de experiência em
balneários fisioterápicos

SAUNA SARRA

responsável pela
fabricação, instalação e
manutenção da sauna do
Paineiras do Morumby,
cumprimenta o Clube
pelo seu 15.º Aniversário
de Fundação

Da assimilação dos ensinamentos recolhidos em experiências vividas na administração de empresas ou de órgãos públicos deverá resultar, contudo, em uma terceira posição. O associado do clube não é um "contribuinte", e tampouco um "cliente": ele é simplesmente o dono do clube. É a partir dessa premissa que os administradores assumem o seu papel de servidores da comunidade, temperando essa atividade com o tirocínio que se requer dos dirigentes de empresa.

A compreensão desses fatores fundamentais para a gestão de um clube tem dado ao Paineiras, nos últimos anos, um

desenvolvimento patrimonial e uma atividade social sem precedentes na história dos clubes brasileiros.

Por trás do clube que o associado vê e usufrui existe toda uma infraestrutura de serviços que a muitos passa despercebida. A piscina está cheia, as crianças estão mergulhando, os atletas estão treinando — e, alguns metros abaixo, um complexo de bombas, filtros e caldeiras trabalha ininterruptamente para garantir o nível, a qualidade e a temperatura da água.

Mais abaixo, as quadras de tennis estão iluminadas e, nos vestiários, uma ducha forte



recupera a energia despendida pelo atleta no futebol de salão. Enquanto isso, na Secretaria, ofícios são recebidos e emitidos, as mesas são vendidas para o baile, centenas de informações são prestadas diariamente aos associados.

Para que tudo isso funcione a tempo e a hora, o Paineiras mantém um quadro fixo de 101 funcionários, mais 21 professores instrutores e técnicos.

Do gerente ao mais humilde servidor, todos cumprem a tarefa diária de manter a "máquina" bem azeitada: carpinteiros, médicos, motoristas, serralheiros, porteiros, contadores, telefonistas, escriturários e muitos outros, em serviços de lavanderia, almoxarifado, conservação de jardins, mecânica, eletricidade e limpeza formam um todo que torna possível ao clube ser o que é. Ou seja, um lugar bonito e agradável, limpo e confortável, à altura das exigências dos associados e suas famílias.

CERSA PRODUTOS QUIMICOS LTDA.

AV. LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA, 600
FONES 478-7585, 478-9650 E 478-9564 OSASCO, SP

**FABRICANTE DA MAIS
COMPLETA E SOFISTICADA LINHA DE RESINAS
POLIESTER E DE ADESIVOS**

**CUMPRIMENTA O CLUBE PAINEIRAS DO MORUMBY
POR OCASIÃO DO SEU 15.º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO**

CLUBE PAINEIRAS DO MORUMBY

BALANCETE

Período: 1 de Janeiro a 30 de Junho de 1975

ATIVO		PASSIVO	
IMOBILIZADO		NÃO EXIGÍVEL	
Imóveis	742.397,98	Patrimônio Líquido	
Veículos	80.704,00	Tít. Sociais Proprietários ..	7.695.474,00
Oficinas	12.747,83	Tít. Sociais Fundadores	35.000,00
Ajardinamento	96.545,09	Tít. Sociais Remidos	104.800,00
Material Desportivo	20.120,29	Taxa de Valorização	4.587,50
Construções	4.260.037,16	Taxa de Obras	11.891.485,37
Móveis e Utensílios	872.900,95	Títulos Retomados	414.236,00
Instalações e Equipam.	1.357.306,30	Variação Exerc. Anteriores ..	15.673,00
Obras em Andamento	11.091.503,99		20.161.255,87
Marcas e Patentes	3.660,00		
	18.537.923,59	EXIGÍVEL	
REALIZÁVEL		Fornecedores	292.622,57
Almoxarifado	665.684,15	Contribuições a Recolher ..	55.737,40
Tít. Soc. a Receber	1.260.050,00	Contas a Pagar	128.786,53
Devedores Diversos	234.323,75	Salár. e Ordenados a Pagar ..	128.140,34
Empréstimo Compulsório ..	41.713,93	Credores Diversos	216.191,19
Depósitos e Cauções	66.306,00	Tít. de Terceiros a Restit. ..	12.800,00
C/C Scol Ltda.	76.462,81	Bancos Credores	38.841,62
	2.344.540,64		873.119,65
DISPONÍVEL		RESULTADO PENDENTE	
Caixa	75.512,54	Reserva de Títulos	35.250,00
Bancos	249.364,29		
	324.876,83	RESULTADO DO EXERCÍCIO	
PENDENTE		Superavit	178.171,43
Gastos a Apropriar	40.455,89		
COMPENSAÇÃO		COMPENSAÇÃO	
Taxa de Obras a Receber ..	3.218.656,00	Taxa de Obras em Cobrança ..	3.218.656,00
Taxa de Manut. a Receber ..	3.518.281,00	Taxa de Manut. em Cobr.	3.518.281,00
	6.736.937,00		6.736.937,00
	27.984.733,95		27.984.733,95
DESPESAS		RECEITAS	
Secretaria	297.292,47	Taxa de Manutenção	2.468.671,00
Contabilidade	143.472,79	Taxa de Transferência	272.100,00
Portaria e Vigilância	223.313,70	Carteiras Sociais	9.740,00
Departamento Médico	166.302,52	Receitas Diversas	77.966,21
Jardins	56.358,47	Aluguel de Armários	51.218,00
Limpesa	184.137,01	Taxa Médica	85.905,00
Conservação e Oficinas	452.957,50	Taxas s/ Propostas	9.144,50
Abast. Trat. d'Água	156.750,92	Receitas s/ Dep. Social	320.545,00
Transporte	93.105,10	Receitas Sobre Tít. Retomados	231.900,00
Luz-Força-Energ. Própria	228.659,59		3.527.189,71
Despesas Gerais	65.880,44		
Secret. Dep. Esportes	53.129,33		
Natação	92.285,65		
Tênis	248.721,06		
Volei - Basquete	39.869,47		
Futebol de Salão	3.392,98		
Judô - Karatê	36.479,20		
Xadrês - Bridge	135,86		
Ginástica - Ioga	46.083,69		
Ballet	18.992,38		
Aulas Inglês - Infant.	9.112,49		
Aulas de Pintura	37.099,26		
Recreações Diversas	10.559,14		
Cinema	37.090,25		
Bailes	410.012,79		
Bar - Restaurante	26.978,99		
Infanto Juvenil	11.766,60		
Relações Públicas	49.857,80		
Conselho Deliberativo	14.136,51		
Comissões Scol Ltda.	130.332,80		
Sauna - Manutenção	4.751,52		
	3.349.018,28		
Superavit	178.171,43		
	3.527.189,71		3.527.189,71



CLUBE PAINEIRAS DO MORUMBY

DIRETORIA

Presidente

CLAYTON BRANCO

1.º Vice-Presidente

CLAUDIO H. CORRÊA

2.º Vice-Presidente

HELCIAS PELICANO

Secretário

LEONAM LUIZ SOUSA GÓES

Tesoureiro

JACOB TIMONER

DIRETORES DE

DEPARTAMENTOS

Esportes

DÉCIO SANDOLI CASADEI

Infanto-Juvenil

JOSÉ MARIA G. D'EÇA

Obras

JOSÉ VICENTE JÚLIO FILHO

Patrimônio

LUCIANO B. DE MENDONÇA

Relações Públicas

ANTÔNIO C. NEVES NETO

Sede

RAUL STACHEVICH DUCAT

Social

LUIZ CARLOS DOS SANTOS

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

LUÍS SOARES DE M. JÚNIOR

Vice-Presidente

WALTER GUILHERME GOMES

Secretário

GERALDO PINHO MAIA

Revista comemorativa do
15.º aniversário de fundação
Editada pelo Departamento de
Relações Públicas.

Diretor responsável: Antonio
Costa Neves Neto.

Fotos: Carlos Cleber

Composição:

Linotipadora Futurama

Fotolitos: Grafcolor

Impressão:

Companhia Litográfica Ypiranga

Distribuição gratuita aos sócios
do Clube Paineiras do Morumby.

Correspondência para
Caixa Postal 11.211

Ag. Pinheiros - S. Paulo

Explore este admirável mundo Ford.



Borda do Campo
Serviço
Peças

O mesmo pessoal que lançou o Festival da Imaginação, criou a Borda do Campo Ceasa, a maior e mais completa revenda Ford, para pessoas como você cada vez mais exigentes em matéria de automóveis.

São 34 mil metros quadrados, onde você pode conhecer toda linha de carros e caminhões Ford, e ser atendido por uma oficina com capacidade para mais de 300 carros por dia.

Localizada em frente ao Ceasa, a Borda oferece acesso fácil por todos os lados.

Isto sem falar nos admiráveis planos de financiamento que a Borda faz usando toda sua imaginação.

Mas existem outras vantagens:

Carros usados: A Borda oferece

carros usados revisados e com certificado de garantia.

E os planos de financiamento são os mesmos dos carros novos.

Consórcio Nacional Ford: Você já conhece: compra seu carro com prazo de 60 meses, sem pagar taxa de juros e com garantia de fábrica.

Você escolhe a cor e o modelo.

A Borda facilita tudo.

Peças e Oficina: A Borda tem o maior e mais completo estoque de peças Ford para venda a frotistas, atacado e varejo. A oficina tem capacidade para mais de 300 carros por dia, e pode fazer a revisão de seu veículo em apenas 24 horas com a melhor qualidade técnica de São Paulo.

Borda do Campo

O admirável mundo Ford



Venha testar o
Maverick 4 cilindros.
A Borda tem as
melhores condições
de venda para
colocá-lo em suas mãos.



Av. Gastão Vidigal, 400 - Tel.: 260-4467 - Ceasa • Av. Santo Amaro, 400 - Tel.: 282-4202 - Jardins



Bufett Dois Irmãos Ltda.

Serviços para Recepções, Banquetes,
Casamentos, Aniversários, etc.
Ornamentação, Aluguel de Material,
Serviço de Som e de Fotografia

Orçamentos com Jailson e Janilson

AV. DR. ALBERTO PENTEADO, 350 — FONE 240-2777 — MORUMBY, S. PAULO